Braga: Milagres? Este menino é a prova que eles existem

Gisela vive em Braga e é mãe de quatro filhos, três deles com problemas de saúde. A sua vida e maternidade não foram privadas de obstáculos. Neste testemunho revela o que a levou, com outros pais, a fundar a Associação Portuguesa de Síndrome de Tourette.

"Não eras para existir, Gisela" são as palavras que a minha mãe sempre diz quando fala de mim. Contudo, Deus já tinha um plano para mim. Uma gravidez ectópica de alto risco chegou a termo certo. Tive uma infância normal no Peso da Régua.

Quando tinha 18 anos rumei a Braga para estudar <u>Ciências da</u>
<u>Comunicação na Universidade do</u>
<u>Minho</u>, onde conheci o Bruno, meu marido. Casámos em 2004. Ele estava a trabalhar no Porto e eu encontravame no último ano do curso.

Acredita em milagres? Este menino é a prova que eles existem

O nosso sonho de construir uma família grande deu o primeiro passo, pouco depois do casamento: fiquei grávida da Beatriz que nasceu no dia 4 de março de 2006.

A nossa situação familiar não era muito folgada. Comecei a trabalhar como relações-públicas numa empresa e o Bruno estava nos primeiros anos de carreira como engenheiro informático.

O nosso segundo filho nasceu pouco depois e foi um grande desafio: a gravidez começou a correr mal e às 36 semanas de gestação temíamos pela vida do nosso filho. Era débil e o seu peso anormalmente baixo. Precisávamos de um milagre.

O Afonso nasceu no dia 4 de junho de 2007. Quando o trouxeram até mim, após ser examinado, o médico pergunta com um sorriso: "A mãe acredita em milagres? Este menino é prova que eles existem, nunca vi um bebé engordar mais de um quilo na barriga da mãe em 5 dias". Nesse momento pensei na força da oração e de tantas pessoas que rezavam por mim.

Deus escuta os filhos imperfeitos

O meu percurso na fé é parecido ao de tantos portugueses: frequentei a catequese, recebi os sacramentos e ia à Missa ao domingo. Tinha hábitos de oração e senti que a minha fé saía reforçada nestes momentos.

O Bruno conheceu o Opus Dei através de um colega da universidade. Começou a frequentar atividades de formação em Braga e mais tarde tornou-se <u>cooperador</u> e acabaria por <u>pedir a admissão à</u> Obra.

Eu achava que ele dedicava "tempo demais às coisas da Obra". Um dia, a esposa desse colega do Bruno convidou-me para ir a um retiro mensal. Aceitei o convite mais por cortesia do que por vontade de ir. Tocaram-me profundamente as palavras da meditação. Pareciam dirigidas a mim e despertaram-me uma vontade de ser mais coerente com a minha fé. Li uma biografia de

S. Josemaria e senti-me atraída pela mensagem da santificação no meio do mundo. Nunca duvidei da presença de Deus na minha vida. Mas agora podia senti-lo ainda com mais intensidade! Às vezes dava por mim a falar sozinha. Sozinha!? Sozinha não!! Com Deus pronto a escutar os seus filhos imperfeitos.

Alegrias e dificuldades. Mas porquê a nós?

Mais tarde nasceu o nosso terceiro filho, uma grande alegria para a família. O Bruno tinha estado a trabalhar em Angola durante a gravidez e os amigos e o meu sogro foram muito importantes para me apoiar nesses meses.

Tudo estava a correr bem e de repente caiu uma pequena bomba na nossa família. Descobrimos que a Beatriz tinha diabetes tipo 1. "Porquê a nós? Porquê a minha princesa?"

Foram tempos difíceis. Aprendi tudo o que podia sobre a diabetes. A minha filha ensinou-me que os heróis, nem sempre vestem capa. Deus mostrou-nos que no sofrimento também existe paz. Fiquei com três filhos, um deles ainda bebé e a "diabetes" para tratar a tempo inteiro. Nesse momento dediquei-me inteiramente à família.

O Afonso e a batota da irmã no Monopólio

Sempre achei que o Afonso era uma criança especial. Falava com um discurso de "gente crescida".

Memorizou o nome de todos os dinossauros, aprendeu a ler sozinho porque não queria que a irmã fizesse batota no Monopólio. Queria ler enciclopédias e quando entrou na escola já sabia ler e escrever.

Muito lentamente apareceram os primeiros "movimentos estranhos": um revirar de olhos estranho, tocar

com a cabeça no ombro. A médica de família confirmou as minhas suspeitas e sugeriu-me que consultasse um pedopsiquiatra. Após dois anos de angústia à procura de um diagnóstico, e depois de ouvir muitas opiniões que nos deixaram confusos, o pedopsiquiatra identificou um problema de foro neurológico, uma doença crónica: Síndrome de Tourette. Consigo trazia ansiedade e ataques de pânico e perturbação obsessiva-compulsiva.

"Deus, o que queres de mim? Não era já pesada a nossa cruz? Não eram já suficientes os nossos problemas? Onde vou eu buscar mais força?". Entretanto, no meio desta tempestade nasceu a Francisca. Apressada, nasceu um bocadinho antes do tempo.

Uma Associação para ajudar pais

Quatro crianças, duas delas especiais. O meu filho tinha tiques

horríveis que não conseguia controlar. Mudou de escola e encontrou uma professora primária fantástica que o apoiou.

Eu meti mãos à obra e decidi pesquisar acerca da doença do meu filho. As primeiras respostas vieram da <u>Associação Americana de</u> Síndrome de Tourette.

Decidi criar uma página no Facebook para falar dos nossos filhos. Conheci outros pais que tinham passado por situações semelhantes. Fomos trocando experiências e perguntei se elas não gostariam de criar uma associação para dar a conhecer esta síndrome e apoiar as famílias. Sabia que era uma empreitada demasiado grande para mim...

Ajudou-me reler a biografia de S. Josemaria e ver a confiança plena que ele tinha em Deus. Eu sabia que com a Associação poderia servir melhor a Deus, os pacientes e as família.

No dia 27 de junho de 2017, aquando da visita de D. Fernando Ocáriz ao Porto, tive o privilégio de lhe poder falar do projeto. O prelado dirigiume palavras de alento e prometeu orações por esta intenção.

Assim nasceu a Associação
Portuguesa de Síndrome de Tourette,
em 29 de dezembro de 2017. Desde
então chegaram à associação em
busca de apoio muitas famílias: umas
chegavam com um diagnóstico, mas
com dificuldades de integração na
sociedade e outros procuravam um
diagnóstico para um filho.

Mais tarde descobrimos que o Xavier também tem um quadro clínico muito semelhante ao do irmão. A forte componente genética da doença tornou-se mais uma vez visível. Fico comovida quando vejo o meu filho a dar testemunho de como se pode viver com uma doença rara e "chata" e mesmo assim ser muito feliz!

Um dia uma pessoa disse-me: de duas uma, ou Deus quer que tu fiques louca ou quer que sejas santa. Eu prefiro a segunda. Sinto que todas as pedras que foram aparecendo ao longo do caminho foram pequenos degraus que consigo superar com a ajuda de Deus e da minha família. Se foi este o caminho que Deus escolheu para mim, porque não segui-lo?

Source: Facebook GS, APST

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https:// opusdei.org/pt-pt/article/bragamilagres-este-menino-e-a-prova-queeles-existem/ (12/12/2025)